

João Antônio

Analisando os contos reunidos no volume *Malagueta, Perus e Bacanaço*, Antonio Candido ali identifica uma tentativa de caráter iniciatório, como se o narrador, uma espécie de cicerone, oferecesse ao leitor um mundo novo, o mundo dos excluídos e da malandragem (Candido, 1999.p. 87). Também há, por sua vez, embora só emergja raras vezes no texto, a representação de um paraíso social, que é o mundo dos *jet setters*, do champanhe, da água de coco para cachorro, do triplex. Com esses dois universos a conviverem em um espaço apertado, por conta de o bairro estar entre as montanhas e o mar, esses mundos tendem a relacionar-se.

Nos contos deste livro (...) ele é um verdadeiro descobridor, ao desvendar o drama dos deserdados que fervilham no submundo; dos que vivem das lambujens da vida e ele traz com a força de sua arte ao nível da nossa consciência, isto é, a consciência dos que estão do lado favorável, o lado dos que excluem. (CANDIDO, 1999. p. 87)

Aqui configura-se uma zona de confluência, objeto da presente análise, entre o paraíso social, que se apropriou do paraíso físico americano, e os infernos sociais e urbanos. O confronto e as interações entre o mundo dos privilegiados e o dos descamisados na obra do autor também é enfatizada por Fábio Lucas. São suas essas expressões: “combinação perfeita do popular com o refinamento”; “pacto da malandragem como forma de confronto com a ordem estabelecida”; “choque das personagens com o mundo convencional”. (LUCAS, 1999. p. 91-92) E, da mesma forma, em uma asserção mais precisa:

O que pontua a ficção de João Antônio é a autenticidade da linguagem com que lidam as personagens. Elas estão, quase sempre, transitando do centro para a periferia, ou vice-versa. Oscilam entre o mundo real e o utópico. Tudo para conduzir o

²² Texto apresentado no Congresso Internacional da ABRALIC, São Paulo, 2008.

²³ Professor doutor, em regime de dedicação exclusiva, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

leitor ao choque de ambientes, aos contrastes de visões de mundo. (LUCAS, 1999. p. 94)

João Antônio registra liricamente como o mundo dos marginais e malandros, ancorado em uma cultura arcaica, resiste às mudanças determinadas por um novo avanço capitalista. Isso pode relacionar-se à mudança antropológica que ocorria em nível mundial no Ocidente. Os valores da classe média passaram a identificar-se com uma ideologia hedonista, associada ao consumo e que se faz passar por libertária, tolerante e inclusiva. Este modelo seria proveniente dos Estados Unidos. Os fenômenos a ela associados são a produção em larga escala de bens supérfluos, o consumismo compulsivo, a tirania da moda e o alcance universal da informação, cujo veículo principal era a televisão. Aos poucos que eventualmente tentassem resistir sobrecarria o peso da vergonha de ser diferente. (Pasolini, 1990, p.64) A consequência disso na literatura de João Antônio seria “a morte dos botequins e a vitória das lanchonetes, o abandono das sinucas ante a invasão dos video games”. (Lucas, op.cit., p. 97)

Ô Copacabana!

João Antônio realiza uma reportagem literária sobre o bairro. Ao início, reproduz ironicamente o discurso da Zona Sul do Rio de Janeiro como paraíso. Morar nela seria um privilégio. Orla atlântica das mais bonitas do mundo e os condomínios necessariamente os mais caros. O Rio vocacionado para ser o grande centro de lazer e turismo brasileiro, sede natural dos grandes eventos do cinema, da música e da cultura em geral. Mas, há muito, Copacabana deixou de ser um paraíso. A planificação urbana, ou sua falta, permitiu a proliferação dos conjugados e agora os pingentes não são exclusividade do subúrbio. Os cortiços estão por toda a parte e seu símbolo maior é o famigerado “200” da Barata Ribeiro. Os camelôs completam essa figuração na rua. Geograficamente, quase desprovida de verde, o bairro abriga várias favelas.

Quanto ao aspecto cultural, Copacabana é marcada pela miscigenação e pelo cosmopolitismo. Assim como aceita, conhece e adere à cultura estrangeira, também é capaz de fazer-se presente culturalmente em outros países. A isso se refere ironicamente João Antônio ao relatar o caso do Pipi-Dog, grande invenção higiênica, cujo inteligente exemplo teria sido imitado por outros países.

Alguns acontecimentos do bairro dependem exatamente da mistura da população proveniente do subúrbio com a da Zona Sul. Assim, a falta de dinheiro dos adeptos da

umbanda pode vir a prejudicar sensivelmente o brilho do *réveillon* nas areias de Copacabana. De modo semelhante, os encontros dos pobres de origem nordestina acontecem em uma das poucas praças do bairro, a Praça Serzedelo Correia, a “Praça dos Paraibas”. Para o autor, que subverte o discurso oficial da Cidade Maravilhosa, nesses eventos é que residiria a força efetiva do Rio como Capital cultural. O grande prodígio que Copacabana realizaria seria a liberdade do livre encontro de pessoas de todas as origens e de todas as classes sociais.

Essa característica de hibridismo também é importante no plano estético. Uma das passagens mais belas de **Ô Copacabana!** É um instantâneo registrado em uma área de confluência entre o asfalto e a favela:

Uma da manhã. Ou mais. No comecinho da Ladeira dos Tabajaras, para quem vem do morro e peça a Rua Siqueira Campos, um crioulo na madrugada carregando ao ombro uma bandeira enrolada do Flamengo ia que ia quieto, cabeça pendida, canseira nas pernas, mariolando.

O seu Mengo havia batido o Fluminense. À tarde e à noite, estes lados da cidade estiveram em festa, movimento e tropel. À uma da manhã, o crioulo de cabeça a arriada e bandeira ao ombro, ia bem cansado. Mas feito um guerreiro.

A iluminação fraca da rua o pegava mal e mal, tudo deserto e ele ia muito sozinho lá com o seu sonho. O queixo no peito. De repente, deve ter suspirado fundo antes, e rasgou. Ele largou para ninguém um grito arrastado, vindo de dentro e que demorou, meio tristeza e desespero. Rindo, forrando, doendo, para ninguém:

— Mengo! (ANTÔNIO, 1978. p.35)

Ao caracterizar o bairro, João Antônio mostra-se bastante sensível à capacidade de proporcionar confluências. Em diversas passagens, porém, nota-se que ele não é um narrador impessoal. Coloca-se como simpatizante dos excluídos da Zona Sul e da classe média. Os pingentes, prostitutas e a arraia-miúda contam com uma dimensão de heroísmo e de lirismo, enquanto que os boas-vidas são sempre vistos de forma negativa. Para ele, contador de histórias, o burguês tem um quê de artificialismo, uma atenção aos bons costumes nefasta. Por isso ironiza e desautoriza o discurso por ele proferido: (...) “de que adianta os cronistas sofisticados da cidade, sabidos e badalados, escreverem que o remédio para o verão carioca é champanha francesa gelada (sic.) ao meio dia?” (Antônio, 1978. p. 40)

O narrador, de maneira clara, toma partido. A Zona Sul agiria sobre os que a ela aportam de modo prejudicial, abalando principalmente suas convicções e marcas

culturais. Os nordestinos e suburbanos vulnerabilizam-se ante seu charme cosmopolita, moderno e liberalizante. Copacabana lhes dita regras. Aqui, assim eles o crêem, as pessoas saberiam de fato vestir-se, comer, beber e divertir-se. Em pouco tempo esquecem-se e renegam a cultura originária. Retornar para o subúrbio seria o pior. A vida antiga que ali levavam é considerada agora como uma sensaboria.

O subúrbio é longínquo, ele não quer mais nada com a Zona Norte, que não tem mar, nem camisetas coloridas, colares ou jipes abertos, sensação de liberdade. (Antônio, 1978. p. 44)

A atenção do narrador está voltada para a Copacabana que poucos querem ver. Do balneário paradisíaco há pouco. A ênfase recai sobre as histórias superficiais de porteiros, homossexuais, travestis da Galeria Alaska, paraíbas e prostitutas. Apesar de tudo, e o autor reconhece isso, Copacabana mantém algo de sua antiga aura. Mas não é tempo nem lugar de ilusões. A desconstrução da utopia do paraíso deve ser completa.

Forçoso reconhecer que, em poluição, ninguém nos negará um alto nível de imaginação diversificador. Com os nossos esgotos, poluímos a água do mar. Nossas máquinas da SURSAN e um genial plano de aterro modificaram a versão original de nossa praia. Não mais se pode ver, do calçadão, o beijo do mar na areia. Também, não estamos vivendo em nenhuma época de poesia inútil. (Antônio, 1978. p. 51)

A narrativa de **Ô Copacabana** objetiva dar uma visão genérica do bairro, por isso não há grande destaque para as personagens. A maior parte permanece anônima e serve ao projeto de descrever a paisagem urbana. Há exceções. Uma delas dá corpo e alguma identidade à prostituta Mariazinha Tiro a Esmo:

Direitinha, como diriam os últimos rapazes família da Zona Sul. Ela tem picardia e está na dela, como dizem os tipos amalandrados dos becos e das favelas. Dissimulada em seu trabalho, matreira trabalhando na boca do mocó, indo e vindo na baba do quiabo, enganando otários e pacatos, ela sobrevive. Só ou acompanhada na marginalidade, vai beirando o crime na cidade que castiga — para mais de quatro milhões de habitantes — mais de um milhão de favelados.

O sol bate e rebate nos cabelos da criança. Plantada na esquina da Travessa Agrensense, às onze da manhã, ela trabalha. Fica justinha na calça comprida e é uma figura esguia, enrustida e sonsa, nenhuma gordura na barriga lisa, umbigo a miniblusa mostra. É, para os leigos, apenas atraente e bronzeadas, principalmente para os que não lhe viram os dentes. Para os

distraídos e pacatos, para fariseus ou não iniciados em malandragem dos morros e dos becos do Rio, mais uma garota bonita em Copacabana. Veste na onda e está a fim de ser paquerada. É o que pensam os rapazes passando de carro ou mesmo a pé na calçada da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Posto Cinco e Meio. (Antônio, 1978. p. 55)

A seguir o narrador esboça uma entrevista com a habitante das ruas de Copacabana. O resultado é uma biografia sumária. Aos treze era sambista de bloco. Aprendeu as poucas letras com um padre lendo a Bíblia. Desde os sete anos, convive com o crime. Aos onze, uma prostituta lhe ensina a fumar, a comer com garfo e a usar sutiã. Aos doze, o pai a seduz e ela foge de casa. Enturma-se com “banditetas” da Zona Sul e faz ponto em diversos lugares. Ao final, há uma declaração sua:

— Sou piranha, e daí? Eu tenho culpa? Acho que não gostaria de ser. Seria bom ter um homem só com um carro só. Parece que seria legal. Mas está aí uma coisa que eu acho que os homens não querem. (Antônio, 1978. p. 58)

Por que essa personagem merece destaque? Haverá algo nela que seja especialmente significativo para a caracterização de Copacabana? Trata-se de uma jovem bonita que, pelas vicissitudes da vida, corrompe-se, margeia a criminalidade, vende seu corpo e sobrevive. Sua manifestação existencial oferece-se tanto à contemplação dos que são de seu meio quanto à dos que pertencem à classe média. Há algo nela de intratável, duro. Seu estar no mundo afirma-se vigorosamente. O narrador, cuja carta de intenções ficou patenteada, aprecia essa demonstração de força. A Zona Sul vê-se obrigada a se acostumar com esta presença indesejável.

Mariazinha Tiro a Esmo faz lembrar a Bebel de *Paraíso Tropical*, telenovela da Globo sob responsabilidade de Gilberto Braga.

Paraíso Tropical

Este folhetim televisivo, ambientado principalmente em Copacabana, tem seu enredo definido pela tentativa dos vilões de conseguir poder, prestígio e dinheiro, obviamente de maneira antiética, livrando-se dos que a eles se opuserem. São eles Olavo e Taís. Os heróis, que lhes oferecem resistência, é Paula, irmã gêmea de Taís e Daniel, que trabalha na mesma empresa em que trabalha Olavo. A empresa pertence à família de Olavo.

Depois de algumas recentes telenovelas ambientadas no Leblon, parece ser significativo o fato de a atenção voltar-se para Copacabana. O Leblon, até pouco tempo, era um dos raros bairros do Rio que permanecia livre da violência em grande escala. Assim, além do alto padrão dos imóveis e do cuidado paisagístico, o cenário oferecido por ele pode ser classificado como higiênico e exageradamente *clean*. Ao preferir Copacabana, o autor pode ter tido a intenção de procurar um enquadramento caracterizado por influências mais díspares. Um Rio de Janeiro que se aproximasse mais da Babilônia do que de Nice. Além disso, apesar dos sérios problemas urbanos de Copacabana, é ela a praia mais famosa do Rio de Janeiro e sua avenida litorânea, a Avenida Atlântica, tem construções de alta qualidade arquitetônica, além do hotel Copacabana Palace, que hospedou astros de Hollywood e durante algum tempo representou o charme, a elegância e um estilo de vida glamoroso da elite carioca e, até certo ponto, brasileira. Embora possa ser apenas uma coincidência, a escolha de Guilhermina Guinle para o papel de Alice, namorada de Olavo, deu mais densidade, consistência e ênfase no que diz respeito à recuperação desse passado glorioso de Copacabana. Durante algum tempo esta família representou prestígio, elegância e poder. Por exemplo, o pioneiro Otávio Guinle foi o responsável pela construção do Copacabana Palace.

Conformando-se a seu cenário principal, o enredo está marcado pela heterogeneidade e pela variedade de classe social a que pertencem as personagens. Há também certa porosidade entre as classes sociais e o dinamismo da fabulação está estreitamente vinculado à possibilidade de ascensão (ou decadência) social. A organizadora de eventos sociais Marion, pertencente à pequena burguesia, já participou do mundo dos ricos. Tenta agora, por meios diversos, manter-se a ele vinculada. O herói, Daniel Bastos, de origem pobre, é o exemplo folhetinesco do jovem desfavorecido pela sorte que triunfa por méritos próprios. Belisário, pai do empresário Antenor Cavalcanti, é um arruinado financeiramente. Taís, a vilã, foi criada pelo avô Isidoro, antigo funcionário de um hotel do Grupo Cavalcanti. Todos os seus movimentos estão condicionados a seu interesse em participar do mundo dos ricos. Bebel, prostituta bem-sucedida do calçadão, ambiciona abandonar a vida dura que leva e também sonha fazer parte do mundo dos chiques e endinheirados.

O nome da telenovela tem algo de irônico. O **Paraíso tropical**, genialmente mostrado na apresentação em um *travelling* vertiginoso que se inicia na viridente mata

atlântica entre o Morro do Urubu e o Morro do Leme e segue em direção ao posto seis, nada tem da imutabilidade e placidez que se espera de um paraíso. Há o cenário natural, espetacular e paradisíaco, mas ele é para poucos. A música de abertura, gravada originalmente por Dorival Caymmi em 1955, período glorioso de Copacabana, reforça a idéia de recuperar algo da aura destes bons tempos. Mas, assim como acontece com o título **Paraíso Tropical**, a canção tocada em 2006 soa ironicamente. Embora nela se cante o paraíso copacabanense, há já também o inferno historicamente ali consolidado. O paraíso ainda existe e resiste, mas de forma precária e sempre sob ameaça:

Depois de trabalhar toda a semana
 Meu sábado não vou desperdiçar
 Já fiz o meu programa para esta noite
 E sei por onde começar

Um bom lugar para encontrar: Copacabana
 Pra passear à beira-mar: Copacabana
 Depois num bar à meia-luz: Copacabana
 Eu esperei por essa noite uma semana. (Caymmi; Guinle, 1955)

É importante notar que João Antônio já fizera isso, só que recuperara a linda canção de Braguinha: “Existem praias tão lindas cheias de luz...” (Antônio, 1978. p. 9)

Bebel e Mariazinha Tito a Esmo

Um aspecto importante da telenovela, tanto no que diz respeito ao encadeamento dos fatos da trama quanto à recepção por parte dos telespectadores, foi a personagem Bebel, representada pela atriz Camila Pitanga. No início do enredo ela é apenas uma prostituta comum, como tantas que fazem o *trottoir* na Avenida Atlântica. Jáder, seu gigolô ameaçador, atento e experiente, adivinha o potencial da mercadoria que tem em mãos e começa a utilizá-la na prestação de serviços para os clientes mais importantes. Dessa forma ela conhece e se apaixona por Olavo. O convívio com Olavo permite que Bebel possa conhecer o mundo da classe alta, que até então ignorara. As novas experiências a encantam e ela passa a desejar incluir-se na elite social. Para isso, trata de fazer seguidos esforços para vestir-se e comportar-se como as senhoras de alto coturno. Seu esforço é inútil. Ela não consegue livrar-se de alguns comportamentos e sua falta de domínio do português padrão também a prejudica. Dolorosamente compreende que jamais poderá pertencer completamente ao mundo dos privilegiados. Ao final do enredo, torna-se amante de um político.

Mariazinha Tiro a Esmo de **Ô Copacabana**, representa um enclave triunfante do mundo dos marginalizados inserido em ponto estratégico da Zona Sul. O narrador, simpatizante dos excluídos e inimigo da classe média, vê nesta afirmação da presença da jovem prostituta uma promessa algo alvissareira. A Zona Sul não poderá mais isolar-se. Mariazinha está a indicar que outras como ela virão. Embora ela permaneça à margem e não seja de modo algum acolhida pelos mais ricos, a narrativa deixa transparecer que a ocupação do território nobre da Zona Sul por pessoas como ela significa uma conquista. Ela é uma sobrevivente, brava, excluída e vitoriosa. Vitoriosa por ter conquistado um espaço num bairro da Zona Sul.

Com Bebel ocorre algo um pouco diferente. Quase trinta anos separam as duas obras, já que **Ô Copacabana** foi publicado em 1978 e **Paraíso Tropical** foi ao ar entre os meses de março e setembro de 2007. Agora as Mariazinhas e Bebéis já dominaram certos setores de Copacabana e do Leme, não há qualquer novidade neste fato. Bebel, assim como Mariazinha, também não pode ser acolhida pelo *high society*. Mas agora há uma diferença. O divisor de águas entre esquerda e direita já não é tão definitivo e importante como no contexto político da ditadura extremamente ativa de 1978. Embora a população de baixa renda continue praticamente com os mesmos problemas de então, a interpretação deste problema e as possibilidades de solução parecem transitar por outras rotas. Houve também uma mudança no aspecto moral da sociedade. Em 2007 o uso da pílula não causa mais escândalo e em 2008 há um projeto no Ministério da Educação para a distribuição de preservativos nas escolas. De modo semelhante, a expressão **prostituta** foi substituída por outra de conotação bem mais branda: **garota de programa**. Estes fatores talvez tenham contribuído para o sucesso da personagem. Bebel foi vista com simpatia pelos telespectadores. Seu modo de se vestir, como uma nova Chiquita Banana, brega e provocante chegou a fazer sucesso. Sua indumentária e seu estilo foram imitados.

Embora não seja aqui possível identificar qualitativamente essa mudança de modo seguro e saber se hoje em dia as prostitutas de Copacabana são de fato menos discriminadas que as da década de setenta, pode-se dizer que, ao menos no plano ficcional, houve uma mudança. O rancor, a dureza e certo ar sinistro de Mariazinha desapareceram para dar lugar ao charme, doçura e à ignorância simpática e sedutora de Bebel. Se, para João Antônio, Mariazinha é uma espécie de heroína dos excluídos e uma fustigadora da classe média, para Gilberto Braga, Bebel é apenas uma garota pobre que

busca com garra e alguma ternura seu lugar ao sol. A julgar pelo sucesso da personagem, certamente ela não é vista como potencial inimiga da classe média.

Referências:

CANDIDO, Antonio. Na noite enxovalhada. *Remate de males*, Campinas, SP, n.19, p.83-88, 1999.

LUCAS, Fábio. Reflexões sobre a prosa de João Antônio. *Remate de males*, Campinas, SP, n.19, p.89-103, 1999.

PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*: antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990. Estudo sobre a revolução antropológica na Itália

ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Anexo:Discograf%C3%ADa_de_Dorival_Caymmi> Acesso em 10 maio. 2008.